

Um marginal brasileiro

01:49 • 18.05.2005



Legenda da Tropicália e da poesia marginal brasileira, com uma pequena atuação no cinema udigrudi, o piauiense Torquato Neto ganha uma polêmica biografia, publicada pela Editora Casa Amarela, "Pra mim chega - a biografia de Torquato Neto", do jornalista paranaense Toninho Vaz. Com direito a palestra do autor, o livro será lançado hoje no auditório do Centro Dragão do Mar e amanhã, no Mercado dos Pinhões

Das primeiras travessuras da infância em Teresina ao roteiro de "O Terror da Vermelha", um super-8 filmado pouco antes de sua morte, na sua única volta à cidade natal, narrando o seu assassinato e o de toda a sua família. Vida e morte sempre estiveram lado a lado na trajetória de Torquato Neto (1944-1972), que, após algumas tentativas, cometeu suicídio em seu apartamento no Rio.

Sensibilizado pela "sintaxe descontínua, arrebatada", que conheceu adolescente, através da leitura da coluna "Geléia Geral", no jornal carioca "Ultima Hora", Toninho Vaz sempre nutriu sua admiração pelo polêmico poeta. Assim como a um outro: o conterrâneo Paulo Leminski, nascido no mesmo 1944 de Torquato, que lhe rendeu sua outra parte da "minicolecção completa de poetas malditos brasileiros", intitulada "Paulo Leminski - o bandido que sabia latim". Entusiasmo que ele admite não haver sido o mesmo que o motivou a aceitar o convite da editora Objetiva para cumprir a missão de escrever sobre "Edwiges", narrando o lado mais humano da freira alemã (1174-1243) que abandonou as riquezas do pai, um senhor feudal, para viver na pobreza medieval polonesa até ser santificada pelo Vaticano. O livro será lançado no mês que vem.

A empolgação com a trajetória de Torquato Neto, no entanto, precisou ultrapassar dois anos de pesquisa, entre 73 entrevistas, no circuito de Teresina ao Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal e São Paulo. Gente como Tom Zé, José Celso Martinez Corrêa, Caetano Veloso, Hermínio Bello de Carvalho, Luís Carlos Maciel, Maria Gladys, Jards Macalé, Ruy Guerra, Hugo Carvana, Luiz Melodia, Edu Lobo, Scarlet Moon, Nana Caymmi e Doutor Heli Nunes, pai de Torquato. E ultrapassar sobretudo o desentendimento com a viúva de Torquato, Ana Maria. "À princípio estava tudo bem, mas achei estranho ela não querer gravar entrevistas. Depois ela deixou de falar comigo, quando leu os originais e viu os depoimentos sobre a bissexualidade dele, o caso com Caetano Veloso, ela resolveu embargar o livro, que ficou empacado na Record por oito meses. Felizmente, com a coragem da Casa Amarela, o livro saiu e acredito que não haja mais risco de processo, diante de toda a receptividade que ele vem tendo. Não dá para apagar os fatos", considera

o jornalista.

Outra constatação pouco assumida à personalidade de Torquato Neto é sua esquizofrenia. “Ele sabia que a verdadeira loucura não era nada divina”, diz Vaz. Personalidade que, sob a firmeza que não admitia o arrependimento dos amigos piauienses com a ida ao Rio, mantinha as internações voluntárias como um hábito, entre os humanamente desaparelhados manicômios do Engenho de Dentro, no Rio, e do Meduna, em Teresina. Apesar dos entraves com Ana Maria, a viúva de Torquato colaborou muito com a biografia, sobretudo em relação ao exílio em Londres. Período em que, sob a cumplicidade de Ivan Cardoso, Torquato assumia a personalidade de “Nosferatu no Brasil”, em um dos seus registros marginais que renderia a “Vampiro”, de Caetano.

Antes das referências aos prontuários médicos, aquele tempo é fixado, no livro, por fotos e cartas trocadas com os que ficaram. Torquato convivia com Guilherme Araújo e Hélio Oiticica, mas era com os parceiros da Tropicália, que a amizade fluía mais, até uma briga com Caetano pôr tudo à deriva. “Torquato deixou a Tropicália no auge, por um motivo pessoal, nada estético”. Melhor mesmo era trocar um tapinha de haxixe com Jimi Hendrix, esquecer um pouco as pirações deixadas no Brasil e aprofundar outras.

Henrique Nunes